

SILVA, Charles Roberto. Teatro e Imprensa no XIX: aspectos do comentário teatral nos jornais da Corte. São Paulo: CAC-ECA-USP; Doutorando; Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth F. C. Ribeiro Azevedo. Educador.

Resumo

O processo de independência brasileira e a consolidação dos ideais de livre imprensa no país criou uma atmosfera convidativa para que os *homens de letras* circulassem suas ideias. A partir da segunda metade dos anos vinte, do século XIX, os assuntos teatrais começaram a ganhar visibilidade nas páginas dos matutinos do Império. Este artigo procura apresentar como algumas ideias sobre teatro no Brasil foram construídas nas páginas dos jornais da corte, além de apresentar os principais agentes do debate teatral na imprensa no período.

Palavras chave: Imprensa. Comentário teatral. *Homens de letras*. Teatro. Império brasileiro. Século XIX.

Résumé

Le processus de l'indépendance du Brésil et la consolidation des idéaux de la liberté de la presse dans le pays a créé une atmosphère accueillante pour *les gens de lettres* diffusé leurs idées. Depuis la seconde moitié des années vingt du XIXe siècle, des sujets scéniques ont commencé gagner visibilité dans les pages des journaux de l'Empire. Cet article présente comme quelques idées sur le théâtre au Brésil ont été construites dans les journaux qui circulaient dans le royaume, delà de présenter les principaux agents du débat dans la presse au cours la période.

Mots-clés: Presse. Commentaire théâtral. *Gens de lettre*. Théâtre, Empire brésilien, XIXe siècle.

Herdamos dos *homens letras*¹ um acervo razoável de escritos sobre a questão teatral no país durante o XIX. *Grosso modo*, esses escritos circularam nos jornais da capital do Império e foram concebidos prioritariamente por bacharéis que se vinculavam ao culto das *belles lettres*. Alguns pesquisadores apontam que o domínio do universo das *letras* imiscuídos a outros aspectos da mobilidade social expressos no período facilitavam o acesso a vida pública (RIBEIRO, 2004, p.167).

Analisando um sem número daqueles escritos é possível afirmar que, a imprensa

1 O termo *homens de letras*, empregado ao longo do texto, opera de acordo com a perspectiva de Norberto Bobbio. No livro *Os intelectuais e o poder*, o autor lembra aos leitores que a palavra *intelectual* passou a ser utilizada no final do século XIX, a partir do caso Dreyfus, na França. Antes da existência de tal palavra definidora de uma categoria Bobbio ressalta [...] Hoje, chama-se intelectuais aqueles que em outros tempos foram chamados de sábios, doutos, *philosophes*, literatos, *gens de lettre* ou simplesmente escritores, e, nas sociedades por um forte poder religioso, sacerdotes, clérigos. Embora com nomes diversos, os intelectuais sempre existiram, pois sempre existiu em todas as sociedades, ao lado do poder econômico e do poder político, o poder ideológico, que se exerce não sobre os corpos como o poder político, jamais separado do poder militar, não sobre a posse de bens materiais, dos quais se necessita para viver e sobreviver, como o poder econômico, mas sobre as mentes pela produção e transmissão de ideias, de símbolos, de visões de mundo, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra [...] Todas sociedades tem os seus detentores do poder ideológico, cuja função muda de sociedade para sociedade, de época para época, cambiantes sendo também as, ora de contraposição, ora de aliança que eles mantém com os demais poderes (BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo, Ed: Unesp, 1998, pp. 10-11)

diária foi se transformando paulatinamente na grande tribuna para o debate do mote teatral durante o século XIX, aliás, esta tendência do periodismo diário como instância para o debate público sobre as questões teatrais no país permaneceu ativo até o final da década de 60 do século XX (SILVA, 2011). Os agentes do debate de ideias sobre o teatro brasileiro durante o período imperial foram os literatos. O registro de atores escrevendo para os jornais cariocas da época são raros. A figura dos empresários teatrais, elevados à condição de comentaristas, circulando nas páginas do jornais se tornou mais frequente nos últimos anos do dezenove.

A conquista do espaço para a circulação de ideias em que transformou a imprensa brasileira, no século XIX, não estava dado na sua origem. O modelo estabelecido no país com a criação da Imprensa Régia² era altamente centralizador e caminhava no sentido oposto do ideário de imprensa livre defendido e colocado em prática nos Estados Unidos, França e Inglaterra.

O tipo de informação autorizado a circular, de acordo com a censura real, estava estampado nas páginas da Gazeta do Rio do Janeiro (RIBEIRO, 2004), que se dedicava a produção de conteúdos diretamente voltados aos interesses da Família Real. O *Correio Braziliense ou Armazém Literário*³, periódico clandestino, editado em Londres, por Hipólito José da Costa e que circulou concomitante a *Gazeta do Rio do Janeiro*, por outro lado, oferecia ao país recém organizado um perspectiva de circulação de informações pautada nos princípios da imprensa livre.

A partir de 1827, com o afrouxamento da censura sobre a imprensa, principalmente por conta da nova reconfiguração política do Brasil, a situação ganhou outros matizes. A ideia que imprensa deveria ser livre ganhou corpo, já não era de bom gosto noticiar assuntos referentes à família real e suas coirmãs europeias (RIBEIRO, 2004).

Nesse contexto de liberalização, os escritores e políticos brasileiros aderiram oficialmente à imprensa e começaram a utilizá-la como a principal esfera de debate. Havia um fator posto em relação a imprensa, que se tornaria o *habitat* preferido dos letrados do XIX, a colaboração com jornais abria caminho para a vida pública, que se constituía um símbolo de distinção extremamente poderoso:

[...] no ambiente literário que se estabeleceram e se estreitaram as comunicações entre profissionais: pois se as letras ornando o diploma e a fortuna facilitavam o acesso à vida pública, não eram elas, pelo idealismo que costumavam estimular, as mais capazes de habituar os homens, colocados em pontos de observação, a ver sem amarguras a política em estado de nudez. Assim, pois, se poucos profissionais deveriam todo o prestígio que conquistaram exclusivamente ao exercício de sua profissão, a maior parte dos que, entre eles, atingiram as eminências intelectuais, não só desempenharam as letras, mas nela procuraram e às vezes

2 O Decreto - de 13 de Maio de 1808 cria a Imprensa Régia.

3 Considerado o primeiro periódico brasileiro, editado em Londre-Inglaterra, a partir de 01 de junho de 1808. O jornal circulou até dezembro de 1808.

encontraram um ponto de apoio e o meio eficaz para dilatar a sua autoridade além da fronteira das profissões liberais (RIBEIRO, 2004, p.167).

As primeiras crônicas relacionadas as realizações teatrais e operísticas apareceram nos periódicos da capital do império, a partir de 1826 (GIRON, 2004). Paulatinamente, os novos atores que passaram a intervir na imprensa começaram oferecer maior envergadura ao comentário teatral. As descrições minuciosas do ambientes teatral e seus frequentadores, passou a dividir espaço com apontamentos que procuravam indicar o que estava em evidencia no debate teatral da Europa, mais especificamente, a cena teatral francesa. O advogado Justiniano José da Rocha (FARIA, 2001) foi o primeiro *homem de letras* a se enveredar por esse caminho no periodismo carioca.

Em meados da segunda metade do XIX, a seara aberta por J. J. Rocha encaminhou e estimulou diversos escritores, instalados na cidade do Rio de Janeiro⁴, a abordarem de maneira mais enfática o tema teatral nas páginas dos periódicos de maior circulação⁵. Em torno do ideário daqueles autores começou a se delinear na imprensa diária o imaginário que acometeu a crítica teatral, até a década de 40 do século XX, o da *não existência do teatro brasileiro*⁶ e o do teatro como uma instancia civilizadora.

O escritor José de Alencar⁷, por exemplo, possuiu um lugar destacado, ao colocar o peso da sua escrita em pró da criação de um teatro “genuinamente” brasileiro.

Alencar defendia em seus comentários a necessidade de produção de um texto nacional, sugeria, ainda que indiretamente, a criação de uma “escola” para formação de atores, a criação de uma companhia regular de teatro e a construção e manutenção de casas teatrais.

O governo não se negará certamente a auxiliar uma obra tão útil para o nosso desenvolvimento moral; e, em vez de vãs ostentações de coroas, o que lhe tem faltado até agora é o apoio e a animação da imprensa desta Corte. Uma das coisas que tem obstado a fundação de um teatro nacional é o receio da inutilidade a que será condenado este edifício, com a qual se deve despende avultada soma. O governo não só conhece a falta de artistas, como sente a dificuldade de criá-los não havendo elementos dispostos para esse fim. Não temos uma companhia regular, nem

4 Preferimos o termo escritor, porque de acordo com Norberto Bobbio, o termo intelectual difundiu-se a partir do final do século XIX, com o caso Dreyfus, na França.

5 Jornal do Comércio, Correio Mercantil e Diário do Rio de Janeiro.

6 O ideário da inexistência do teatro no Brasil começou a circular na imprensa carioca a partir da década de 30, do século XIX. Décio de Almeida Prado, Sábato Magaldi e João Roberto Faria procuraram sondar nos seus trabalhos acadêmicos de pesquisa e orientações tal propositura.

7 A carreira de comentarista de José de Alencar começou antes do seu sucesso como escritor de folhetins. O seu trabalho na imprensa carioca começou em 1854 no Correio Mercantil, a partir do segundo semestre de 1855 o comentarista passou a registrar suas opiniões no Diário do Rio de Janeiro.

esperança de possuí-la brevemente. A única cena onde se representa a nossa língua ocupa-se com vaudevilles e comédias traduzidas do francês, nas quais nem o sentido nem a pronúncia é nacional (ALENCAR).

É importante salientar que o discurso de Alencar para a criação do teatro brasileiro não estava direcionado apenas ao poder imperial. Os seus comentários se estendiam, também, àqueles que viviam da arte teatral; solicitava o empenho destes para a criação de uma escola dramática voltada a formação de atores.

Na perspectiva de José Alencar, o ator João Caetano era o único capaz de levar adiante o projeto de criação de uma escola dramática no país, uma vez que este apresentava grande domínio técnico e possuía enorme prestígio conquistado ao longo de sua carreira. Caetano não criou uma escola como propunha Alencar, mas publicou em 1862, o primeiro manual brasileiro voltado à formação de atores. Na obra *Lições dramáticas*, J. Caetano apresentava métodos de interpretação, concepções estéticas e opiniões sobre o teatro (PRADO, 1984).

Outro aspecto interessante dos escritos sobre teatro que José de Alencar realizou se voltaram para o questionamento das montagens que passavam pelo palco carioca no período que abrange sua crítica. O incomodo para o comentarista estava principalmente na ausência de montagem de autores brasileiros. Neste sentido, Décio de Almeida Prado, no livro *Drama romântico brasileiro*, atesta que para os autores ligados ao romantismo brasileiro “*Escrever romances era facultativo. Escrever peças, praticamente obrigatório*” (PRADO, 1996, pp.188).

Embora os escritos de Alencar defendessem de forma contundente a necessidade do governo investir no universo cênico brasileiro, as ideias sobre teatro que circulavam na imprensa carioca do XIX, desconsiderava a prática teatral que existia no Rio de Janeiro. Alencar batalhava para que se firmasse a literatura dramática nacional, que corroboraria para a identidade do país, entretanto, o único teatro desejado, admitido e possível no seu comentário seria aquele realizado nas grandes capitais europeias. Tal perspectiva era partilhada também por outros escritores que mantinham relações com a escrita teatral.

O tratar do teatro nas páginas da imprensa carioca do XIX, os *homens de letras*, de modo geral, se mostravam atualizados sobre os acontecimentos teatrais da cena parisiense; defendiam ativamente o ideário de um teatro europeu nos trópicos; deixavam bem demarcados seus desacordos e recusas em relação ao fazer teatral em evidência. Embora a temática da construção da identidade nacional estivesse na tessitura das propostas sobre teatro que circulavam nos jornais, aquilo que aparecia mais evidenciados nos escritos era o teatro como instância civilizadora.

Para a grande maioria dos escritores que atuaram na imprensa carioca, do XIX, não havia categoricamente teatro no Brasil. A imprensa, após o processo Independência, foi amplamente utilizada para divulgação de ideias que poderiam ser importantes e mesmo úteis para a criação do teatro no Brasil, entretanto, quase nunca para o registro da prática teatral existente, conforme Roberto Schwarz:

O teste da realidade não parecia importante. É como se coerência e generalidade não pesassem muito, ou como se a esfera da cultura ocupasse uma posição alterada, cujos critérios fossem outros – mas

outros em relação a que? (SCHWARZ, 2000)

O discurso da não existência do teatro brasileiro que ganhou força na imprensa carioca durante o período romântico, em diversos momentos do século XX foi retomado para se justificar a necessidade de criação do teatro brasileiro.

Referências:

- BERNSTEIN, Ana. **A crítica cúmplice: Decio de Almeida Prado e a formação do teatro brasileiro moderno**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2005.
- BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo, Ed: Unesp, 1998.
- FARIA, João Roberto. **Ideias teatrais: o século XIX no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- GARCIA, Maria Cecília. **Reflexões sobre a crítica nos jornais: Décio de Almeida Prado e o problema da apreciação da obra no jornalismo cultural**. São Paulo, Ed. Mackenzie, 2004.
- GIRON, Luís Antonio. **Minoridade crítica: a ópera e o teatro nos folhetins da Corte**. São Paulo: Edusp/Ediouro, 2004.
- PRADO, Décio de Almeida. **João Caetano e a arte do ator**. São Paulo, Ed Ática, 1984.
- PRADO, Décio de Almeida – **O drama romântico brasileiro**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1996.
- RIBEIRO, Lavina Madeira. **Imprensa e espaço público: a institucionalização do jornalismo no Brasil (1808-1964)**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.
- RIEGO, Christina Barros. **Do futuro e da morte do teatro brasileiro: uma viagem pelas revistas literárias e culturais do período modernista (1922 – 1942.)** São Paulo: FFLCH-USP, 2008.
- ROUBINE, Jean Jacques. **A linguagem da encenação teatral**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SCHWARZ, Roberto. *As ideias fora do lugar*. IN: **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Ed. Duas Cidades / 34, 2000.
- SILVA, Charles Roberto. **Formação, ruptura e criação: a recepção crítica de Sábato Magaldi aos Novos Dramaturgos 1966 – 1969**. São Paulo, Dissertação de Mestrado, ECA-USP, 2011.